

ACIDENTE DE TRABALHO ENTRE TRABALHADORES RURAIS E DA AGROPECUÁRIA IDENTIFICADOS ATRAVÉS DE REGISTROS HOSPITALARES¹

Cristiane Aparecida Silveira *
Maria Lúcia do Carmo Cruz Robazzi **
Maria Helena Palucci Marziale ***
Maria Célia Barcellos Dalri ****

RESUMO

No Brasil, os ambientes de trabalho rurais, em geral, são insalubres e arriscados e contribuem para a ocorrência de enfermidade e Acidentes de Trabalho (AT) entre os rurícolas. Este estudo investigou os AT ocorridos entre os trabalhadores rurais em dois anos atendidos em um hospital de Ribeirão Preto, SP. Foram investigadas as anotações realizadas pelos profissionais de saúde em 6.122 prontuários de um Hospital-Escola (HE). De 618 prontuários, nos quais se conseguiu associar o acidente ao trabalho, 120 (10,9%) eram de trabalhadores rurais. Destes, 78 eram lavradores, 64,17% com as idades entre 20 e 50 anos, sendo 96,7% homens. Quanto às causas, 17,5% foram devidas a quedas e 14,2% por contato com animais. Os resultados revelam a condição em que se encontram alguns segmentos de trabalhadores brasileiros. Essa situação, mostrando acidentes severos que provocam lesões graves e, inclusive óbitos, acontece principalmente com a mão-de-obra menos qualificada e com menor poder decisório.

Palavras-chave: Acidentes de trabalho. Trabalhador rural. Registros hospitalares.

INTRODUÇÃO

No Brasil, há situações de trabalhos realizados em ambientes laborais apropriados, com escassos fatores de riscos ocupacionais ao lado de outros, inadequados e insalubres, com uma diversidade de agentes de riscos ocupacionais, favorecendo a ocorrência de agravos à saúde dos trabalhadores.

Em relação a tais agravos relacionados ao trabalho, considera-se primeiramente um grupo

que traduz uma ruptura abrupta das relações entre a saúde do trabalhador e as condições e/ou ambientes de trabalho, traduzidas pelos Acidentes de Trabalho (AT) e as intoxicações agudas de origem profissional. Um outro grupo de agravos à saúde relacionados ao trabalho consiste nas doenças profissionais típicas, também denominadas doenças do trabalho, tecnopatias ou mesopatias do trabalho. Considera-se ainda agravos à saúde as doenças relacionadas com o trabalho com incidência ou

¹ Projeto de pesquisa nº 524191/96-4, financiado pelo CNPq.

* Mestre em Enfermagem Fundamental. Doutoranda do Programa de enfermagem Interunidades; bolsista de Pesquisa Científica do Projeto EERP - USP.

** Enfermeira do Trabalho. Professor Titular da EERP – USP.

*** Enfermeira do Trabalho. Professor Associado da EERP – USP.

**** Enfermeira. Professor Doutor da EERP – USP.

prevalência mais elevada, em relação à população geral ou em outros grupos de profissionais (MENDES, 2003).

Entre os trabalhadores que realizam atividades arriscadas e insalubres encontram-se os rurais, que executam variadas atividades em ambiente propiciador de diversificados fatores de riscos ocupacionais. Incluem-se os riscos físicos, pois o trabalho é realizado em locais sem abrigo, sujeitos às intempéries e às radiações ionizantes; os químicos, em decorrência da aplicação de variados produtos agrícolas, além das poeiras do próprio solo levantadas pelos ventos; os ergonômicos, por causa dos pesos que os trabalhadores carregam e dos diversos desenhos dos equipamentos e ferramentas, muitas vezes não adaptados aos seus dados antropométricos; os biológicos, pela presença de animais que lhes podem causar ferimentos durante a execução do seu trabalho, entre outros.

Esses riscos ocupacionais podem atingir tanto os trabalhadores quanto outras populações. Os agentes químicos dispersam-se, impregnam e persistem no meio ambiente durante um tempo razoável, podem ser biotransformados, biomagnificados e bioacumulados e atingem tanto os trabalhadores como expõem a população de modo indireto; os biológicos, pelos desmatamentos e queimadas, favorecem o aparecimento de doenças como a malária e o contato com animais peçonhentos que ferem os trabalhadores. Há, ainda, os agentes sociais, já que as relações adversas de trabalho e as precárias condições de vida geradas em sua decorrência constituem-se em fonte de pobreza que podem conduzir a mudanças no meio ambiente e a um perfil de morbidade específico (CÂMARA; GALVÃO, 1995).

Estudos de vários países sobre os trabalhadores rurais discorrem sobre os agravos à saúde que podem lhes acometer. Dermatite de contato alérgica ocupacional foi encontrada em dois trabalhadores do ambiente rural; um desenvolveu dermatite facial e de antebraço e o outro eczema nas mãos, apresentando ambos sinais positivos no teste à colofônia. A dermatite ocupacional foi transmitida pela colofônia presente na poeira, em ambientes onde havia também animais do campo (COOK et al., 2000).

Em relação às oportunidades de serem avaliados por agentes de saúde ocupacional, foram investigados 912 agricultores de nove localidades da Suécia. Os vinculados aos serviços de saúde ocupacional recebiam mais visitas médicas e tinham menos diagnósticos de patologias cardíacas. Fatores de riscos ocupacionais foram encontrados, mais freqüentemente, entre os que não tinham assistência à saúde ocupacional (THELIN; STIERNSTRÖM; HOLMBERG, 1999).

Em 112 trabalhadores de uma empresa de produção de café italiana, detectou-se uma relação importante entre sensibilidade às vagens de café verde e sintomas alérgicos relacionados ao trabalho. Os sujeitos que realizam essa atividade devem ser avaliados para os mais susceptíveis serem identificados, objetivando informá-los sobre os riscos existentes neste trabalho (LARESE et al., 1998).

Em Ohio, Estados Unidos, investigaram-se 90 rurícolas que sofreram injúrias durante o seu processo de trabalho, em 12 meses pgressos. Os com mais sintomatologia de neurotoxicidade eram os que estavam também sob o maior risco de sofrerem tais lesões. Houve um acentuado aumento em relação ao risco de ferimentos, associado aos trabalhadores agrícolas de idade inferior a 30 anos e uma elevada severidade no próprio relato de sintomas neurológicos (CRAWFORTH et al., 1998). Ainda nesse país foi estudada a exposição de 20 trabalhadores aos resíduos de pesticidas organofosforados, durante a colheita de maçãs. Mensurou-se a exposição potencial e a individual, sendo que ambas revelaram concentrações importantes de pesticidas, indicando que os trabalhadores encontravam-se potencialmente em exposição contínua e com níveis importantes de metabólitos urinários (SIMCOX et al., 1999).

Investigação sobre os ferimentos acontecidos na agricultura entre 1310 trabalhadores masculinos do Alabama e Mississippi foi conduzida em nove áreas rurais, investigando-se diferenças ou similaridades entre brancos e negros. Concluiu-se que deviam ser feitos esforços, para os dois grupos, no sentido da prevenção do consumo de álcool, bem como da fadiga, objetivando-se reduzir-lhes os ferimentos (LYMAN et al.,

1999). Injúrias ocupacionais fatais foram estudadas nos estados norte-americanos sulistas, entre 1977 a 1991, revelando que trabalhadores idosos, afro-americanos e os que trabalhavam por sua própria conta, apresentavam os maiores índices de fatalidade, em relação aos demais (LOOMIS et al., 1997). Quanto às indústrias, as maiores proporções de morte aconteceram nas de construção, transporte e agricultura, sendo as rurais e descentralizadas consideradas as mais perigosas, com os índices de fatalidades rurais encontrando-se entre os mais elevados do país (GERBERICH et al., 1996).

Em relação aos riscos à saúde atribuídos aos pesticidas em agricultores da África, analisaram-se 256 sujeitos expostos e 152 controles, constatando-se a relação entre a exposição ocupacional aos pesticidas e a inibição da acetilcolinesterase, a atividade dessa enzima e os sintomas do aparelho respiratório, da visão e do sistema nervoso central (OHAYO-MITOKO et al., 2000).

Na Austrália, as injúrias ocorridas nas fazendas constituem-se em um dos maiores problemas para a agricultura. Os índices de morte relacionados ao trabalho nesse setor estão entre os mais elevados do país; os ferimentos resultam entre 20 e 60 registros de admissão nos hospitais rurais/100 registros admissionais/ano. Não há informações relevantes que observem a causalidade das injúrias ocupacionais; inexistem treinamento e educação apropriada em segurança e saúde ocupacional (FRAGAR, 1996).

Alterações neurológicas sem causas específicas, possivelmente decorrentes do uso de agrotóxicos, foram percebidas em levantamento de prontuários de pacientes de uma instituição hospitalar do Estado de São Paulo (WALTER et al., 2003).

Os cortadores de cana trabalham em média 14 horas diárias usando o podão e a lima; o trabalho do corte é constituído por um conjunto de movimentos exaustivos. A seqüência de gestos mecânicos favorece os ferimentos pelos instrumentos ou outras cargas de trabalho; tais movimentos, acrescidos da exposição ao sol forte, poeiras, ventos e chuvas ocasionais, aumentam a possibilidade da ocorrência de acidentes com o podão e por

picadas dos animais peçonhentos (ALESSI; SCOPINHO, 1994).

Há poucos anos atrás, para os trabalhadores não existia legislação apropriada; as Normas Regulamentadoras Rurais (NRR) foram elaboradas a partir de 1988 (BRASIL, 1973). O seu ambiente de trabalho é a céu-aberto; o transporte ainda é, muitas vezes, feito de forma inadequada, a ponto de o veículo ser ainda facilmente confundido com os que levam animais (RODRIGUES; SILVA, 1986); a jornada de trabalho é, em geral, extensa e exaustiva; os salários são baixos ou então eles ganham por produção, o que os leva a aumentar o ritmo, desgastando-os excessivamente.

Muitas das empresas contratantes não oferecem atendimento à saúde, sendo necessário que os trabalhadores rurais procurem os serviços públicos disponíveis quando adoecem ou sofrem AT. Nesses locais, com poucas exceções, as pessoas que realizam a atenção à saúde dificilmente fazem o nexo entre o adoecimento/lesão apresentada pelos trabalhadores e as atividades que eles realizam, o que favorece a subenumeração de doenças e acidentária. Raramente nesses serviços há programas específicos que contemplem a saúde dos trabalhadores.

Os ambulatórios médicos existentes em algumas usinas têm como maior preocupação o absenteísmo; a atenção é estritamente curativa, inexistindo ações preventivas na área da saúde do trabalhador. As CAT (Comunicação de Acidentes de Trabalho) não contêm a história dos AT; em seu lugar há a repetição do diagnóstico médico, dificultando conhecer em que condições eles ocorreram e se o trabalhador utilizava EPI – Equipamento de Proteção Individual (ALESSI; SCOPINHO, 1994).

No interior paulista, no ambiente rural, coabitam alta tecnologia e acidentes de trabalho estritamente manuais; há um elevado índice de tecnologia que é usada na agropecuária, ao lado de trabalhadores que executam atividades com baixo padrão tecnológico (TEIXEIRA; FREITAS, 2003).

O presente estudo teve como principais objetivos identificar em anotações escritas por profissionais da área de saúde em prontuários

de um hospital público: o número de pacientes que sofreram AT relacionados ao trabalho rural, as suas características pessoais, profissionais e as causas desses eventos acidentários.

MATERIAL E MÉTODO

A investigação foi realizada em Ribeirão Preto, SP, local bem desenvolvido, com indicadores econômicos e sociais ancorados em uma estrutura econômica forte e diversificada. É uma das principais regiões agrícolas brasileiras, caracterizando-se por uma grande produção e por elevados níveis de rendimento das culturas e a fruticultura em geral. A taxa de urbanização ribeirãopretana é 99,57%. A cultura da cana-de-açúcar espalha-se por todo o interior paulista e de Ribeirão Preto é considerada uma mesorregião onde se concentra a agricultura de maior valor comercial, em particular as atividades dos complexos agro-industriais de cana-de-açúcar e laranja (BALSADI et al., 2001, citados por TEIXEIRA; FREITAS, 2003) A cidade de Ribeirão Preto é, portanto, cercada por grandes usinas de açúcar e álcool.

Os dados foram coletados em um hospital-escola (HE) público da cidade. Após a tramitação burocrática necessária e as devidas autorizações (Comissão de Ética e Pesquisa e Diretoria Clínica), solicitou-se, junto ao setor de processamento de dados, a separação dos registros de pacientes acidentados, atendidos, no período de dois anos, cadastrados conforme os constantes no capítulo XX (Causas externas de morbidade e de mortalidade) da Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas relacionados a Saúde (Organização Mundial de Saúde, 1993).

Detectaram-se 14.873 registros diferentes referentes ao período em questão, correspondentes a 6.122 prontuários hospitalares. A partir desses registros, solicitou-se a separação dos prontuários dos acidentados, iniciando-se uma consulta morosa e meticulosa das anotações escritas pela equipe de saúde, selecionando-se os pacientes que foram caracterizados como acidentados do

trabalho. Entre estes, separara-se os rurícolas, buscando-se nos prontuários qualquer anotação que pudesse levar à descrição do atendimento como decorrente de um AT.

Os resultados apresentados referem-se, portanto, às anotações constantes nos prontuários consultados. Aquelas relacionadas aos AT foram copiadas em um formulário próprio e posteriormente digitadas em um banco de dados.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os 6122 prontuários hospitalares correspondiam, cada um, a um paciente acidentado; entre estes, 618 eram de trabalhadores/pacientes que haviam sofrido AT, o que representa 10,09% em relação ao total de prontuários. Conseguiu-se estabelecer nexos entre o trabalho realizado e o acidente rural acontecido, em 120 pacientes/trabalhadores atendidos. Não havia cópia de Comunicação de Acidente de Trabalho (CAT) nos prontuários, nem menção a qualquer tipo de comunicação acidentária, o que leva a conjecturar que tais AT foram subnotificados.

Cada um desses 120 pacientes procurou o HE para ser atendido no período estudado, uma vez que não foram observados entre eles AT repetidos.

Em relação aos dados biográficos dos trabalhadores, elaborou-se a tabela 1.

A maior parte (64,17%) encontrava-se entre 20 e 50 anos de idade, seguidos dos 31 (25,83%) com idades entre 51 a 70 anos. Investigações sobre AT na zona rural encontraram que 79,5% dos acidentes estudados ocorreram nas idades de 16 a 60 anos, considerada pelos autores do estudo com a faixa produtiva (FEHLBERG; SANTOS; TOMASI, 2001). Em investigação realizada no interior paulista, abrangendo 51.6644 AT típicos, evidenciou-se que em relação à idade os trabalhadores que apresentavam uma maior proporção de eventos acidentários possuíam entre 20 e 24 anos (TEIXEIRA; FREITAS, 2003).

Tabela 1 - Distribuição de trabalhadores rurais acidentados, atendidos no HE, em relação a idade, procedência e sexo. Ribeirão Preto, SP, Brasil. (n=120)

Variáveis	Frequência		
	f	%	
Idade	Até 20 anos	12	10,0
	21-30	26	21,7
	31-40	26	21,7
	41-50	25	20,8
	51-60	14	11,7
	61-70	13	10,8
	Sem relato	4	3,3
Total	120	100,0	
Procedência	Outras cidades paulistas	103	85,8
	Ribeirão Preto	11	9,2
	Outros estados	6	5,0
Total	120	100,0	
Sexo	Masculino	116	96,7
	Feminino	4	3,3
Total	120	100,0	

Entre os 120 pacientes/trabalhadores acidentados, 96,7% (116) eram homens, o que, aparentemente, revela a característica masculina da atividade exercida no campo: é árdua e necessita de força física, supostamente menor nas mulheres. O predomínio masculino é demonstrado também nos estudos de Felberg, Santos, Tomasi (2001), Teixeira e Freitas (2003).

Dos acidentes, 95% eram de Ribeirão Preto ou de cidades próximas; os demais (5% em relação aos 120 acidentados) eram de Minas Gerais. Isto se deve ao fato de que mão-de-obra do ambiente rural muitas vezes é sazonal; como outros tipos de trabalhadores considerados pouco qualificados, terminadas as safras, retornam aos seus estados de origem ou procuram outros trabalhos, incluindo-se os do meio urbano.

Os 120 indivíduos que sofreram lesões ocupacionais realizavam vários tipos de trabalho: 78 (65%) eram lavradores, 9,2% eram tratoristas; cinco (4,2%) retireiros e outros cinco (4,2%) eram serventes. Outros executavam atividades diversas, relacionadas direta ou indiretamente ao trabalho do meio rural, quais sejam: três eram agricultores (2,5%), outros três "peões" de boiadeiro (2,5%), 13 (10,8%) classificados como outros (operadores de máquinas, coletor de frutas,

torrador, caldeiro, feitor, técnico agrícola, chacareiro, lubrificador, guincheiro, auxiliar de mecânico, motorista e eletricitista que acumulava a função de fiscal de usina) e dois (1,6%) sem relato, identificados como rurais pela descrição da atividade que realizavam no momento do acidente.

As causas desses AT estão descritas na tabela 2, em que se constata que a maior frequência de AT (17,5%) foi em decorrência das quedas. Estas ocorreram de árvores, caminhões, tratores e máquinas agrícolas ou então as anotações estavam sem qualquer especificação, o que dificulta as possibilidades de análise. Também não havia relatos se os veículos e máquinas agrícolas estavam ou não em movimento; portanto não foi possível identificar se os AT estavam ou não relacionados aos acidentes de trajeto. Um dos trabalhadores rurais acidentados morreu porque caiu de um caminhão, e outro, que era motorista, ficou com graves seqüelas.

Entre as causas de AT rurais em diversas regiões rurais brasileiras, encontrou-se o manuseio de tratores, de implementos agrícolas, de colhedoras, carretas e caminhões, embora não houvesse necessariamente uma associação entre esse tipo de manuseio com quedas ocupacionais (FUNDACENTRO, 1989). No Rio Grande do Sul, identificou-se

que 39% dos trabalhadores rurais entrevistados já haviam sofrido algum AT envolvendo tratores (SCHOSSLER et al., 2002). No estudo

de Teixeira e Freitas (2003), as quedas representaram o quarto grande grupo de causas (6,03%) em relação ao total.

Tabela 2 - Distribuição de trabalhadores rurais acidentados, atendidos no HE, em relação à causa de seus acidentes. Ribeirão Preto, SP, Brasil. (n=120).

CID-10	Causa/Objeto Causal	f	%
W01-W19	Quedas	21	17,5
V80;W55;X20	Contato com animais	17	14,2
W29-W31	Contato com máquinas e aparelhos agrícolas	13	10,8
X99-Y08	Agressão	12	10,0
W20;W23	Impacto por objetos	12	10,0
W44	Penetração de corpo estranho	10	8,3
V84	Veículos agrícolas	8	6,7
V80	Pessoa montada	7	5,8
W26-W27	Contato com objetos cortantes/ferramentas manuais	7	5,8
V02;V09	Atropelamentos	3	2,5
V40-V49	Acidentes automobilísticos	2	1,7
W35-W36	Explosões	2	1,7
X04;X49	Exposição química	2	1,7
X69;X78	Tentativa de suicídio	2	1,7
	Sem relato	2	1,7
Total		120	100,0

Outro grupo de AT aconteceu em decorrência de mordedura ou golpe provocado por animais e contato com reptéis venenosos. Dos 17 casos de AT por essa causa (14,2%), apenas quatro não foram decorrentes de picadas por serpente; entre estes havia a situação de dois pacientes feridos por bovinos, sendo que um referiu “ter sido chifrado por um boi no dorso” e o outro recebeu “cabeçada de boi no rosto”; o terceiro referiu “ter sido picado por criatura desconhecida” e o último “ter sido mordido por um porco”. A frequência de picada por serpente pode ser considerada elevada quando comparada aos resultados do estudo de Faria, Ledur & Rabelo (1992) junto a 87 trabalhadores, tendo sido identificado que os acidentes ofídicos representam 0,4% do total. Em São José do Rio Preto, SP, investigação referente a um período de 6 anos analisou 208 casos dessas picadas, constatando 81 AT em sua decorrência, ou seja, no momento da picada essas pessoas estavam realizando atividade diretamente relacionada a sua profissão, sendo que 92,59% dos acidentados eram lavradores

(KOYOUUMDJIAN et al., 1990). Dos 51.644 AT notificados, ocorridos em áreas rurais paulistas, no período de 2002, evidenciou-se que 7.610 (14,74%) eram relacionados ao contato com animais e plantas venenosas (TEIXEIRA; FREITAS, 2003).

Na presente investigação, dos 17 acidentados do trabalho que tiveram contatos com animais, 11 também eram lavradores, o que coincide com os resultados de Koyoumdjian et al. (1990); os quais asseveraram que o contato com animais peçonhentos ocorre porque os desmatamentos e queimadas destroem o seu “habitat” natural, fazendo com que eles provoquem ferimentos nos rurícolas e, inclusive, mudando o seu “habitat” para as cidades (CÂMARA; GALVÃO, 1995). Acidentes por animais peçonhentos também foram importantes em estudo realizado em vários estados brasileiros (FUNDACENTRO, 1989). Embora comuns, tais acidentes poucas vezes têm sido correlacionados ao trabalho; o número de notificações no país aponta cerca de 20.000 acidentes por ano e a incidência de ofidismo é

calculada como sendo de 13 a 15 casos para cada 100.000 habitantes. Ainda a respeito dos acidentes ofídicos, estes acidentes acontecem em rurícolas predominantemente masculinos; EPI deveriam lhes ser disponibilizados, no intuito de minimizar tais problemas (ALMEIDA, 1995).

O contato com máquinas agrícolas representou 10,8% dos AT. Os operadores de máquinas agrícolas e de tratores ou caminhões muitas vezes permanecem longos períodos em incômodas posições, sentindo dores musculares e dificuldades de movimentos, o que pode favorecer a ocorrência de AT. Para Almeida (1995), muitas das máquinas agrícolas não atendem às características físicas dos trabalhadores brasileiros, o que, evidentemente, favorece o risco de acidentes.

Na literatura, foram mencionadas também causas de AT relativas ao manuseio de trator (18,83%), de implementos agrícolas (19,73%), de motosserra (9,51%), de colhedeira (6,21%), de picadeiras (8,66%), de carretas (14,33%) e de caminhões (12,01%) (FUNDACENTRO, 1989). Outro estudo revelou que 14,9% de AT entre os trabalhadores rurais aconteceram pelo manuseio de equipamentos agrícolas mecânicos do tipo implementos, trator, colhedeira e motosserra (FARIA; LEDUR; RABELO, 1992), o que se assemelha aos resultados da presente investigação.

A penetração de objetos estranhos nos olhos ou outros orifícios representou 8,3% dos AT, identificando-se três trabalhadores que apresentavam traumatismo nos olhos pela palha da cana; dois que tiveram perfuração por galhos, outros dois por fragmentos metálicos, um por prego. Além disso, um relatou que o “*grampo da cerca*” bateu contra o olho e o último mencionou que um “galho de laranjeira bateu no olho enquanto estava desbrotando o pé de laranja”.

O contato com ferramentas manuais como facão, foice, machado, serra, enxada, martelo, marreta e alavancas representou 5,8% das causas de AT, o que acabou diferindo em relação aos demais estudos realizados. Estimativas indicam que para cada 5.000 AT que as ferramentas manuais causam, uma pessoa perde a vida devido a golpes violentos e 950 indivíduos permanecem incapacitados parcialmente, diminuindo a movimentação das

mãos ou ocasionando a perda de dedos (ALMEIDA, 1995). Segundo Rodrigues e Silva (1996), os maiores índices de causas de AT entre rurícolas foram ferramentas manuais do tipo facão (7,1%), machado (2,8%), enxada (2,4%), foice (1,6%) e faca (3,6%) (RODRIGUES; SILVA, 1986). Índices de ferimentos AT pelo uso de ferramentas manuais também foram encontrados por Faria et al. (1992). O estudo abrangendo acidentes no trabalho rural, no Estado de São Paulo, no período de dois anos, mostrou que dos 51.644 AT (49,9%) aconteceram devido às ferramentas de trabalho, particularmente o facão e o podão (TEIXEIRA; FREITAS, 2003).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados indicam a existência de uma inadequada condição em que se encontram os trabalhadores rurais atendidos em um hospital-escola de Ribeirão Preto, SP, vítimas de AT.

Essas pessoas, muitas vezes pela inexistência dos serviços de saúde e segurança nas agroindústrias, quando se acidentam procuram auxílio na rede pública, que por sua vez não se encontra suficientemente treinada para tal, deixando de realizar onexo entre a alteração de saúde constatada e a atividade ocupacional realizada pelo trabalhador. Desta maneira, os problemas de saúde relacionados ao trabalho são subestimados, contribuindo para que não haja índices fidedignos da situação de enfermidade/acidentes desses trabalhadores. Ou seja, os pacientes, em sua condição de trabalhadores, acabam passando despercebidos pelo sistema de saúde, que não registra os atendimentos realizados como sendo ocupacionais.

Diante desses fatos, recomenda-se investigar e implementar muitas às empresas que não propiciam condições seguras de trabalho aos seus empregados, favorecendo-lhes os AT; fornecer informações suficientes à equipe de saúde da rede pública de atendimento para que consiga realizar onexo em relação aos pacientes/trabalhadores com problemas de saúde, entre o trabalho que executa e a alteração apresentada; divulgar os resultados encontrados às entidades competentes, vinculadas ao Ministério da

Saúde e do Trabalho, aos empregadores e empregados. Possivelmente tais atitudes vão esbarrar em dificuldades (entraves burocráticos, ausência de pessoas para realizar fiscalizações em empresas e treinamentos adequados, bem como o desinteresse em

receber estas informações), que existem no complexo mundo do trabalho. No entanto, há que se lembrar da importância da agroindústria para a comunidade, que para ser efetiva e produtiva deve contar com uma mão-de-obra saudável.

WORK ACCIDENTS AMONG RURAL AND AGRICULTURAL WORKERS IDENTIFIED BY MEANS OF HOSPITAL RECORDS

ABSTRACT

In Brazil, rural work environments are generally unhealthy and risky. Hence, they contribute to the occurrence of diseases and Work Accidents (WA) among rural and agricultural workers. In this study, we investigated during two years, the WA that occurred among rural workers who received care at a Hospital in Ribeirão Preto, São Paulo, Brazil. We examined health professionals' observations in 6,122 hospital records at a School Hospital (SH), with a view to verifying which patients/workers had suffered WA. Out of 618 records, in which we managed to establish the link between accident and work, 120 (10.9%) belonged to rural workers. Among these, 78 were agricultural workers, 64.17% were from 20-50 years of age and 96.7% (116 individuals) were men. With respect to the causes, 17.5% were due to falls and 14.2 to contact with animals. The results revealed the undesirable condition of some Brazilian worker categories, in this case, rural and agricultural workers. This situation, showing severe accidents that provoke serious injuries and even deaths, mainly happens with the workforce less qualified and with less decision power.

Key words: Work accidents. Rural worker. Hospital records.

ACCIDENTE DE TRABAJO ENTRE TRABAJADORES RURALES Y DE LA AGROPECUARIA IDENTIFICADOS A TRAVÉS DE REGISTROS HOSPITALARIOS

RESUMEN

Los ambientes de trabajo rurales en Brasil, en general, son insalubres y arriesgados y contribuyen a la ocurrencia de enfermedad y Accidente de Trabajo (AT) entre los rurales. Este estudio investigó los AT ocurridos entre los trabajadores rurales en dos años atendidos en un hospital de Ribeirão Preto, São Paulo. Fueron investigados los apuntes realizados por los profesionales de salud en 6.122 prontuarios de un Hospital Escuela (HE). De 618 prontuarios, en que se consiguió asociar el accidente al trabajo, 120(10,9%) eran de trabajadores rurales. De estos, 78 eran labradores, 64,17 con edades entre 20 y 50 años, siendo 96,7% hombres. Cuanto a las causas, 17,5% fueron debido a caídas y 14,2% por contacto con animales. Los resultados rebelan las condiciones en que se encuentran algunos segmentos de trabajadores brasileños. Esta situación, mostrando accidentes severos, que provocan lesiones graves e, incluso óbitos, ocurre principalmente con la mano de obra menos cualificada y con menor poder decisorio.

Palabras Clave: Accidentes de trabajo. Trabajador rural. Registros hospitalarios.

REFERÊNCIAS

- ALESSI, N. P.; SCOPINHO, R. A. A saúde do trabalhador do corte da cana-de-açúcar. In: ALLESSI, N. P. et al. (Org.) *A saúde trabalho no sistema único de saúde*. São Paulo: Hucitec, 1994. p. 121-151.
- ALMEIDA, W. F. Trabalho agrícola e sua relação com saúde/doença. In: MENDES, R. *Patologia do trabalho*. Rio de Janeiro: Atheneu, 1995. p. 487-544.
- BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. Segurança e Saúde no Trabalho. *Legislação. Normas Regulamentadoras Rurais, 1973*. Disponível em: <<http://www.mte.gov.br/Temas/SegSau/Legislacao/Normas/Default.asp>>. Acesso em: 20 de nov. 2003.
- CÂMARA, V. M.; GALVÃO, L. A. C. A patologia do trabalho numa perspectiva ambiental. In: MENDES, R. *Patologia do trabalho*. Rio de Janeiro: Atheneu, 1995. p. 609-630.
- COCK, P. et al. Occupation airborne allergic contact dermatitis from sawdust in livestock sheds. *Contact Derm Copenhagen*, v. 42, nº. 2, p. 113, Feb. 2000.
- CRAWFORTH, J. M. et al. A cross-sectional case control study of work-related injuries among Ohio farmers. *Am J Ind Med*, New York, v. 34, nº.6, p. 588-599, Dec. 1998.
- FARIA, N. M. X.; LEDUR, I.; RABELO, M. Acidentes de trabalho rural: um estudo em Tenente Portela, RS. *Revista Brasileira de Saúde Ocupacional*, São Paulo, v. 20, n. 75, p. 45, jan./jun.. 1992.
- FEHLBERG, M. F.; SANTOS, I.; TOMASI, E. Prevalência e fatores associados a acidentes de trabalho em zona rural. *Revista de Saúde Pública*, São Paulo, v. 35, n. 3, p. 269-275, 2001.
- FRAGAR, L. Agricultural health and safety in Australia. *Austr J Rural Health*, Armidale, v.4, nº. 3, p. 200-206, Aug. 1996.

- FUNDACENTRO. Cadastramento de acidentes do trabalho rural **Revista Brasileira de Saúde Ocupacional**, São Paulo, v. 17, n. 68, p. 53-94, 1989.
- GERBERICH, S. G. et al. An epidemiological study of roadway fatalities related to farm vehicles: United States, **Occup Environ Med**, London, v. 38, n. 11, p. 1135-1140, Nov. 1996.
- KOUYOUMDJIAN, J. A. et al. Acidentes de trabalho ocasionados por serpentes, na região de São Paulo, no período de outubro de 1981 a novembro de 1987. Estudo retrospectivo. **Revista Brasileira de Saúde Ocupacional**, São Paulo, v. 18, n. 71, p. 67 jul./dez. 1990.
- LARESE, F. et al. Sensitization to green coffee beans and work-related allergic symptoms in coffee workers. **Am J Ind Med**, New York, v. 34, n. 6, p. 623-627, Dec. 1998.
- LOOMIS, D. P. et al. Fatal occupational injuries in a southern state, **Am. J. Epidemiol.**, Baltimore, v. 145, n. 12, p. 1089-1099, June 1997.
- LYMAN, S. et al. History of agriculture injury among farmers in Alabama and Mississippi: prevalence, characteristics, and associated factors. **Am. J. Ind. Med.**, New York, v. 35, n. 5, p. 499-510, May 1999.
- MENDES, R. Conceito de patologia do trabalho. In: MENDES, R. **Patologia do trabalho**. 2. ed. Rio de Janeiro: Atheneu, 2003. cap. 2. p. 47-92.
- NASCIMENTO, S. P. Aspectos epidemiológicos dos acidentes ofídicos ocorridos no Estado de Roraima, Brasil, entre 1992 e 1998. **Caderno de Saúde Pública**, São Paulo, v. 16, n. 1, p. 271-276, jan./mar. 2000.
- OHAYO-MITOKO, G. J. A. et al. Self reported symptoms and inhibition of acetylcholinesterase activity among Kenyan agricultural workers. **Occup. Environ. Med.**, London, v. 57, n. 3, p. 195-200, Mar. 2000.
- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. Classificação estatística internacional de doenças e problemas relacionados à saúde: CID 10. 10. ed. São Paulo: Edusp, 1993.
- RODRIGUES, V. L. G. S.; SILVA, J. G. Acidentes de trabalho e modernização da agricultura brasileira. **Revista Brasileira de Saúde Ocupacional**, São Paulo, v. 14, n. 56, p. 28-39, 1986.
- SCHLOSSER, J. F. et al. Caracterização dos acidentes com tratores agrícolas. **Ciência Rural**, Santa Maria, v. 32, n. 6, p. 977-981, 2002.
- SIMCOX, N. J. et al. Farmworker exposure to organophosphorus pesticide residues during apple thinning in central Washington State. **Amer. Ind. Hyg. Assoc. J.**, Baltimore, v. 60, n. 6, p. 752-761, Nov./Dec. 1999.
- TEIXEIRA, M. L. P.; FREITAS, R. M. V. Acidentes do trabalho rural no interior paulista. **São Paulo Perspec.**, São Paulo, v. 17 n. 2, p. 81-90, abr./jun. 2003.
- THELIN, A.; STIERNSTRÖM, E. L.; HOLMBERG, S. Differences in the use of health care facilities and patterns of general risk factors in farmers with and without occupational health care programs. **Int.J.Occup. Environ. Health**, Burlington, v. 5, n. 3, p. 170-176, July/Sept. 1999.
- WALTER, E. V. et al. Efeitos Neurológicos causados por agrotóxicos: a realidade mostrada através de prontuários hospitalares. **Revista Enfermagem UERJ**, Rio de Janeiro, v. 11, p. 171-176, 2003.

Endereço para correspondência: Cristiane Aparecida Silveira. Rua Pedro Bueno, n. 619, Vila Formosa. São Sebastião do Paraíso - MG. CEP: 37.950-000. E-mail: cris@eerp.usp.br

Recebido em: 01/06/2005

Aprovado em: 11/07/2005